



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

MARLY CORDEIRO DA COSTA

**A PRÁTICA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR:
UMA ATIVIDADE DE PRAZER E AQUISIÇÃO
DE CONHECIMENTOS**

CAJAZEIRAS - PB

2008

MARLY CORDEIRO DA COSTA

**A PRÁTICA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR:
UMA ATIVIDADE DE PRAZER E AQUISIÇÃO
DE CONHECIMENTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2008



C837p Costa, Marly Cordeiro da.
A prática da leitura no cotidiano escolar: uma atividade de prazer e aquisição de conhecimentos / Marly Cordeiro da Costa. - Cajazeiras, 2008.
43f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2008.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Aquisição de leitura. 2. Prática de leitura. 3. Formação de leitor. 4. Aprendizagem. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 028

A PRÁTICA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR: uma atividade de prazer e aquisição de conhecimentos

Marly Cordeiro da Costa

Apresentada em 05 / 04 / 2008

Maria Janete de Lima

Profª (Ms.) Maria Janete de Lima

Cajazeiras – PB
2008

Dedico aos meus pais Arnaud Pereira e Francisca Cordeiro por caminharem comigo, me incentivando para a concretização desse sonho.

AGRADECIMENTOS

À Deus pelo dom da Vida e a inspiração necessária para desempenho deste estudo.

Aos meus irmãos pela força e encorajamento diante dos obstáculos.

Aos colegas de classe pelo apoio nas horas em que quis fraquejar e pela troca de conhecimentos.

A minha orientadora Maria Janete de Lima, pela paciência e compreensão.

E a todos aqueles que acreditaram e me fizeram acreditar na capacidade de realização deste estudo.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas
criar possibilidades para sua própria produção
ou sua construção.”

Paulo Freire

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo apresentar os resultados e reflexões decorrentes de um estudo sobre a prática da leitura no cotidiano escolar como uma atividade de prazer e aquisição de conhecimentos, desenvolvido na Escola Municipal de Ensino Fundamental "Vida Nova", no município de Pombal, Estado da Paraíba. Nele são discutidos os dados levantados através de questionários específicos destinados à supervisora escolar, às professoras do 2º, 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, e aos alunos do 5º ano. Também é relatado de forma sucinta os encontros realizados em sala de aula com os alunos da série e escola mencionados, ocasião onde foram colocadas em prática atividades que evidenciaram o uso e a prática da leitura na sala de aula. Portanto, é na perspectiva de proporcionar informações adequadas à formação de leitores proficientes, ampliar os conhecimentos de seus profissionais responsáveis e despertar o interesse do público que se utilizar do conteúdo deste estudo que se fundamenta a presente elaboração. Almejando não só a transmissão de conhecimentos sobre a importância do ato de ler, mas principalmente, contribuir para a afeição e expansão desta atividade que deve ir além do âmbito e da idade escolar.

Palavras-chave: aprendizagem, prazer, metodologias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
CAPÍTULO I – LEITURA: UMA ATIVIDADE DE PRAZER E AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS	11
1. Considerações sobre a prática da leitura	11
1. 1. Fatores que dificultam a prática dos leitores principiantes	16
1. 2. A prática da leitura na sala de aula	19
1. 2. 1. Didática da leitura	20
1. 3. A influência do convívio no desenvolvimento dos leitores	22
CAPÍTULO II – ANÁLISE DOS DADOS SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR	24
2. Percurso metodológico	24
2. 1. Análise dos questionários	24
2. 1. 1. Quanto aos depoimentos da supervisora	25
2. 1. 2. Quanto aos depoimentos dos docentes	26
2. 1. 3. Quanto aos depoimentos dos discentes	29
2. 2. Período de observação participativa	33
2. 3. Análise da regência	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	43
ANEXOS	44

INTRODUÇÃO

A elaboração deste estudo que traz como título “A prática da Leitura no Cotidiano Escolar: uma atividade de prazer e aquisição de conhecimentos” parte da premissa de que a linguagem escrita é um dos instrumentos mais eficientes para expressão e fixação da cultura e dos conhecimentos de uma sociedade, o que resulta na identificação da Leitura como uma importante atividade de aquisição de saber, e grandes possibilidades de ser transformada numa prática prazerosa.

Uma vez que é através da leitura que compreendemos melhor os movimentos sociais e o mundo como um todo, bem como desenvolvemos nossa própria cidadania. A participação efetiva na sociedade requer um domínio compreensivo da leitura sobre os fatos registrados por meio da escrita.

Ler, no sentido amplo, é observar tudo o que se passa em nosso meio. Podemos ler um ambiente, um filme, um falar, etc., assim como também ler uma história – pensamento de um determinado autor –, seja para concordar ou discordar, desenvolvendo a subjetividade através da formulação de idéias próprias. Daí ser um dos principais objetivos da atividade pedagógica habilitar as crianças a lerem, e favorecer o acesso às informações disponíveis em meios escritos. O que lhes possibilitará plena participação social.

Nesse sentido, a opção por este complexo tema surgiu a partir das reflexões e dos questionamentos que ao mesmo tempo em que evidenciam a precária forma como é trabalhada a leitura na sala de aula – por um grande número de professores despreparados e sem gosto por tal prática – também destacam as constantes reclamações dos professores diante do desempenho escolar dos alunos que revelam dificuldades na leitura durante os anos iniciais do Ensino Fundamental e, conseqüentemente, com baixo rendimento escolar, produções insuficientes e um total “desinteresse” pela Leitura, que pode persistir pelos anos subseqüentes de sua vida escolar.

Para tanto, nesse emaranhado de problemas do processo ensino-aprendizagem e acreditando que seu desempenho está intrinsecamente ligado a prática da leitura que tem como suporte formal os Anos Iniciais do Ensino Fundamental, fez-se necessário um trabalho basicamente constituído por um estudo de caso, realizado com a Supervisora, as quatro

Educadoras – do 2º, 3º, 4º e 5º ano –, e os vinte e sete Educandos – do 5º ano – da Escola Municipal de Ensino Fundamental “Vida Nova”, localizada na cidade Pombal - PB.

Para discernimento da problemática (como trabalhar a leitura na perspectiva de proporcionar prazer e aquisição de conhecimentos?), destacou-se os seguintes objetivos: identificar os benefícios que o ato de ler proporciona aos leitores; analisar metodologias que possam contribuir para a realização de uma leitura prazerosa; identificar os principais fatores que dificultam a prática dos leitores principiantes; e, por fim, observar o processo de ensino-aprendizagem da leitura relacionando-o ao modo como o professor trabalha o estímulo à leitura na sala de aula. Objetivos esses fundamentados com base nos questionamentos específicos direcionados ao público selecionado.

Como requisito de estrutura deste estudo optou-se pela divisão do seu contexto através da apresentação de dois capítulos. No capítulo I, em que a apresentação da Fundamentação encontra-se dividida em sub-capítulos, são destacadas as discussões de alguns teóricos, a exemplo de Rubens Alves (1996), Ana Teberosky (2003), Emilia Ferreiro (1995), Ângela Kleiman (1998), Isabel Solé (1998), Revista Nova Escola (2007), entre outros.

De início é elaborado o conceito básico de leitura somado a uma visão mais aprofundada sobre essa prática, pondo em evidência as funções de proporcionar aquisição de conhecimentos e prazer mediante os objetivos estabelecidos pelo leitor, pois como afirma Barbosa (1994):

É preciso ter presente, entretanto, que a leitura é sempre uma elaboração de informação, variando somente a intenção que o leitor deposita numa situação e outra. É em função do que o leitor projeta fazer que ele seleciona as informações mais adequadas para concretizar seu projeto. [...] (BARBOSA, 1994, p. 123)

Também são apresentados os benefícios que a leitura proporciona, bem como as diversas formas a qual pode ser colocada em prática. Voltando-se para a seleção dos materiais, das metodologias e, principalmente, para a apresentação dos temas que coloca em evidência as atitudes docentes.

[...] o propósito de ensinar as crianças a ler com diferentes objetivos é que, com o tempo, elas mesmas sejam capazes de se colocar objetivos de leitura que lhes interessem e que sejam adequados. [...] (SOLÉ, 1998, p. 101)

Nesse sentido, com o objetivo de identificar alguns fatores que dificultam a prática da leitura para crianças principiantes nesse processo, são analisadas as atividades desempenhadas

na sala de aula. Revelando, portanto, a necessidade dos professores adaptarem-se ao desenvolvimento individual das crianças, atitudes que destacam as leituras não-convencionais e a utilização de textos cotidianos, o que contraria as atividades rotineiras de leitura para avaliação gramatical.

Por fim, é discutido sobre o papel do professor e a influência do convívio, seja familiar ou escolar, diante do estímulo à leitura.

O Capítulo II é composto pela análise dos dados, no qual é apresentado a metodologia adotada para tal efetivação; a análise dos questionários abordando alguns depoimentos originais do público selecionado; as reflexões formuladas durante o período de observação na Escola; e os discernimentos acerca dos encontros na sala de aula para delineamento do processamento e dos resultados dos planos aplicados.

Seguem-se então as Considerações Finais, nas quais são apresentadas a importância e a relevância desse estudo para desempenho funcional dos profissionais Pedagogos. E em caráter conclusivo, as Referências Bibliográficas que dão sustentação às argumentações teóricas e os Anexos compostos pelos questionários de pesquisa.

Entretanto, os dados aqui reportados devem ser considerados à luz do caráter inicial, descartando qualquer pretensão de análises conclusivas. Os aspectos apontados servirão de guia, reflexão e estudos mais aprofundados sobre a prática da leitura no cotidiano escolar, numa perspectiva de proporcionar prazer e aquisição de conhecimentos, com destaque especial para o público dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

CAPÍTULO I

LEITURA: UMA ATIVIDADE DE PRAZER E AQUISIÇÃO DE CONHECIMENTOS

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA

Indagar-se sobre como trabalhar a leitura na perspectiva de proporcionar prazer e conhecimentos aos alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental, desencadeia uma série de reflexões, dentre elas: a realização e os benefícios propostos pela leitura, as dificuldades enfrentadas por alunos principiantes, a prática dos docentes em sala de aula diante das atividades inerentes à leitura e, a influência do convívio para o despertar do gosto por esta prática.

A princípio deve ser aprofundado o conceito de leitura no que se refere ao simples ato de decodificação de palavras e, conseqüentemente, de textos. Deve ser adicionado a este, que a leitura é uma interação com o mundo, uma forma de conquistar autonomia, de deixar de “ler” pelos olhos do outro. Ela desperta a maturidade do leitor, à medida que ele busca novas significações para as leituras efetuadas. Deve ser descrita ainda, como um processo de descobertas, de aquisição de conhecimentos, como um desafio recompensador ou até mesmo, como uma atividade superficial, lúdica e sem grandes pretensões, ou seja: (...) *a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido. (...) em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (...).* (MARTINS, 1994, p. 33)

Em função dessas expectativas e necessidades é que se guia a leitura ao significado dos textos, pois, toda leitura envolve uma compreensão sobre o objeto lido. E uma vez que os objetivos são elaborados de forma individual por cada leitor, as interpretações também são apresentadas individualmente. Ou seja, ler significa colocar questões a um texto, daí a razão desta prática se dar de forma particular entre os indivíduos. Unificá-la seria o mesmo que anular a construção própria da compreensão de um indivíduo. Assumir o controle da própria leitura implica ter um objetivo para ela, e esta é uma das principais atitudes a serem consideradas quando se trata de ensinar as crianças a ler e compreender.

Na perspectiva interativa, relatada por Bacelar e Cunha (2000), o processo de leitura exige a habilidade de decodificação das palavras, como também a soma dos objetivos, das idéias e das experiências prévias do leitor sobre o texto. Portanto, é a utilização de distintas estratégias de leitura que levam à compreensão. Afirmação esta, condizente ao pensamento de Maria Helena Martins, exposto anteriormente.

Não é o mesmo, ler para ver se interessa continuar lendo, ou ler para procurar uma informação e formar uma idéia global do conteúdo para transmitir a outra pessoa. Daí a necessidade da prática diária de leitura nos mais variados propósitos e estilos de materiais, uma vez que, é através da prática que se chega à perfeição.

A leitura deve ser encarada como um elemento de fundamental importância para a continuação do processo de escolarização do homem fora do ambiente escolar. Pois, é fato comprovado que uma pessoa desabituada a prática de leitura constante ou regular, acaba subnutrida de conhecimentos – mesmo diante dos demais meios de informação – ela não terá uma cultura sólida. Além disso, leitura não só contribui para a cultura própria do leitor, como também, o aproxima das demais culturas existentes.

Dentre tantas outras funções, a leitura também atua como fonte de prazer – aquela que preserva a privacidade dos reais interesses do leitor –, como fonte de conhecimentos – permitindo uma análise crítica e concreta sobre as informações expostas – e ainda como forma de nutrir e estimular o imaginário – através dos contos, poesias e literatura infantil.

A alfabetização inicial ocorre em determinados contextos culturais e sociais. A criança aprende em interação com os adultos – através da leitura de histórias em voz alta – e com todo material impresso urbano ou doméstico nas mais variadas funções.

A leitura em voz alta – por exemplo – aquela que acontece com a contribuição dos pais para as crianças pequenas, permite-lhes que desenvolvam sua competência lingüística. Ou seja, essa experiência com a linguagem escrita dá à criança a capacidade de diferenciar a linguagem dos livros da linguagem coloquial. E ainda que essas crianças não sejam leitoras autônomas, elas podem desenvolver experiências com a linguagem escrita. Não através da produção gráfica, mas reproduzindo textos oralmente. *Tal leitura facilita a aprendizagem de vocabulário, bem como o uso da linguagem expressiva, a compreensão da função da escrita e o conhecimento da linguagem das histórias de ficção.* (TEBEROSKY, 2003, p. 32).

A leitura compartilhada, além de estimular a participação ativa das crianças, pode variar de estratégias de acordo com a idade delas. Por exemplo, no caso de crianças de 2 aos 3 anos

de idade, os pais ou responsáveis pela leitura podem conduzir uma interação de perguntas e respostas, apresentando sempre algumas características a mais presentes no objeto analisado. De modo que o interesse e a curiosidade pela história sejam cada vez mais reforçados. Em se tratando de crianças de 4 aos 5 anos de idade, uma vez que, a complexidade lingüística e cognitiva é maior. Elas escutam as histórias com mais atenção, fazem relações da mesma com as experiências reais e até simulam atividades de leitura. É recomendável então, que os adultos guiem a leitura criando situações que despertem nessas crianças a construção de predições a respeito da continuação da história. Uma prática que proporcionará um crescente desenvolvimento de habilidades lingüísticas e cognitivas.

Já o material impresso urbano ou doméstico coloca a criança em contato com uma leitura utilitária e cotidiana. A partir do ato de ler ou da escuta da leitura, a criança aprende a identificar variadas coisas (o nome da rua que mora, seu tipo de lanche preferido, etc.). A chamada aprendizagem da leitura para o “saber fazer”, como bem coloca Teberosky (2000, p. 32): *(...) a exposição ao material impresso, através da leitura, é um mecanismo de ampliação do vocabulário e, da mesma forma, o conhecimento do vocabulário garante a compreensão da leitura e a produção escrita.*

Essa ampliação do vocabulário pode ocorrer de forma direta – interação com o meio social (nas crianças de até 2 anos de idade); de forma indireta – televisão ou leitura compartilhada (crianças maiores de 3 anos); ou transformando as fontes indiretas em fontes diretas – na época pré-escolar (crianças maiores de 8 anos) dando continuidade a esse processo durante toda a vida escolar. O caso, é que se considera de fundamental importância o contato das crianças desde cedo com os materiais escritos, uma vez que, o vocabulário ou certas expressões são apresentados de forma diferenciada na prática oral e escrita. Portanto, a interação com esses materiais possibilita a aprendizagem de uma linguagem mais “rica” em enunciados do que a utilizada no intercâmbio cotidiano, ou seja, através da conversa. Lembrando, que as crianças também aprendem sobre a linguagem escrita em contato com ambientes informatizados.

Cabe então, aos professores incentivar os alunos a prática da leitura – não só por obrigação – propiciando-lhes situações adequadas para encarem esta prática como uma fonte de satisfação pessoal, a conquista de uma realização que vem preencher um momento de “solidão”, colocando assim o leitor em meditação, numa conversa com si próprio, e com determinado autor. Ou simplesmente, colocando a leitura com uma atividade lúdica, um passatempo, um instrumento de descontração – representação esta, bastante evidenciada no

cotidiano dos leitores principiantes. *Recuperar na escola e trazer para dentro dela o que dela se exclui por princípio – o prazer – me parece o ponto básico para o sucesso de qualquer esforço honesto de “incentivo à leitura”. (...).* (GERALDI, 2005, p. 98)

O autor francês Belleng (apud BACELAR e CUNHA, 2000), também descreve a leitura como uma atividade baseada no desejo e no prazer:

(...) Ler é identificar-se com o apaixonado ou com o místico. É ser um pouco clandestino, é abolir o mundo exterior, deportar-se para uma ficção, abolir o parêntese teso do imaginário. Ler é muitas vezes trancar-se (no sentido figurado). É manter uma ligação através do tato, do olhar, até do ouvido (as palavras ressoam). As pessoas lêem com seus corpos. Ler é também sair transformado de uma experiência de vida, é alguma coisa. É um sinal de vida, um apelo, uma ocasião de amor sem ter a certeza de que se vai amar. Pouco a pouco o desejo desaparece sob o prazer. (BELLENG apud BACELAR e CUNHA, 2000, p. 81)

O próprio cotidiano das crianças oferece situações, das quais os adultos podem utilizar-se para despertar o interesse delas pela leitura. Eles podem provocar a interação das crianças com materiais escritos mostrando-lhes a grande influência da leitura e a utilidade dela em situações cotidianas. Esta integração dos escritos urbanos e domésticos também deve estar inclusa no material escolar infantil. De modo, que esta atividade não só estimule a criança a sentir prazer pela leitura, como também, contextualize sua aprendizagem, mesmo que isso se dê de forma não-convencional.

A leitura de jornais – por exemplo – é uma prática bastante acessível às crianças, e também muito benéfica. Por tratar-se de uma leitura informativa que diz respeito à realidade, pela diversidade de textos que oferece, e por ser um material descartável que muitas vezes funciona como uma leitura de descanso, de descontração. Ou seja, durante sua prática não lhe é imposto nenhum limite de obrigação, mas ao mesmo tempo, por estar relacionada à vida do leitor, ela ajuda a criança a compreender o mundo ou a criar mundos imaginários. Enfim, é uma prática de leitura que ao passo que satisfaz o propósito do leitor, responde também a muitos dos seus problemas, permitindo-lhe um melhor relacionamento com as pessoas em seu convívio.

Um fato de grande importância ao interesse das crianças pela leitura são os critérios de seleção dos livros e demais materiais. Bem como, a extensão dos textos, o nível do vocabulário e dos conceitos, a qualidade e a clareza das ilustrações, as características de previsibilidade e a simplicidade da estrutura das histórias, dentre outros.

Estudos mostram que ao oferecer as crianças – de 4 a 6 anos de idade – o contato e a possibilidade de escolherem os livros que querem manusear durante as atividades de leitura, está sendo posto em prática o estímulo à leitura de diferentes materiais. E por se tratar de uma escolha de seu próprio interesse, eles a desempenham com mais prazer e entusiasmo. Atentos e cuidadosos com a seleção dos critérios de gênero, (livros de ficção com histórias), de familiaridade, (sempre os mais conhecidos) e outros atributos (que contenham textos, e não só imagens, extensão, etc.), sentem-se livres também para efetuarem indicações e trocas de materiais entre os colegas.

Portanto, motivar as crianças para a leitura não consiste em que o professor diga: “Fantástico! Vamos lá!”, mas em que elas mesmas o digam – ou pensem. Isto se consegue planejando bem a tarefa de leitura e selecionando com critério os materiais que nela serão trabalhados, tomando decisões sobre as ajudas prévias de que alguns alunos possam necessitar, evitando situações de concorrência entre as crianças e promovendo, sempre que possível, aquelas situações que abordem contextos de uso real, que incentivem o gosto pela leitura e que deixem o leitor avançar em seu próprio ritmo para ir elaborando sua própria interpretação – situações de leitura silenciosa, por exemplo. (...). (SOLÉ, 1998, p. 92)

Nesse sentido, o objetivo da leitura deve estar claro para a criança, ela deve saber o que fazer, sentir-se capaz e encontrar interesse na atividade. Estas situações de motivação podem ser apontadas a partir das sensações de libertação dos alunos, aquelas que se desempenham sem pressão de audiência – como já foi mencionado.

Através de atividades conjuntas com seus colegas e sob apoio de professores capacitados – não precisamente ao ato de ensinar a ler – mas sim de criar condições para que o educando realize sua própria aprendizagem. A escola deve organizar atividades e proporcionar ambientes que levem as crianças à construção de suas próprias compreensões, partindo sempre dos seus conhecimentos prévios, conforme seus interesses e objetivos. Como afirma Zilberman e Silva (1991, p. 150): *(...) uma pedagogia da leitura de cunho transformador propõe, ensina e encaminha a descoberta da função exercida pelo(s) texto(s) num sistema comunicacional, social e político.*

Para reforçar esta citação, deve ser destacado o fato de que à medida que essa pedagogia se desenvolve, as fronteiras de conhecimentos se ampliam, e conseqüentemente, o desejo e as exigências de novas experiências também aumentam. Um exemplo desse universo de descobertas é quando se realizam repetidas leituras sobre um mesmo texto, ou quando o

mesmo texto é lido por vários alunos, onde cada um utiliza-se de suas próprias estratégias de interpretação.

Apoiando-se no prazer das descobertas, Cagliari (1995, p. 161) ainda acrescenta: (...) *por que não deixar, na escola, o aluno preparar sua leitura? Por que não ensinar a ele como preparar uma boa leitura?* (...). Dessa forma, seriam descartados os rigorosos métodos de controle da autoridade docente perante a seleção dos livros. Que quase sempre tem em vista primordialmente, seguir o programa de matérias do currículo escolar, e não os interesses do aluno.

Outro exemplo de incentivo à prática de leituras “livres” são as atividades de biblioteca. Um ambiente com uma quantidade de materiais escritos diversos, e de qualidade relevante, para a criança. No entanto, o que se verifica constantemente nas salas de aula não é só a escassez desses materiais, mas também, a forma inadequada como são organizados: posicionados sempre fora da visão, e principalmente, longe do alcance das crianças. Passando já de início a impressão de que aqueles recursos são inacessíveis. Quando na verdade, sabe-se que a proximidade e o contato físico com os materiais escritos, influenciam notavelmente no interesse das crianças para com a leitura.

Portanto, não é necessária somente a inclusão diversificada desses materiais na sala de aula, mas é indispensável que eles sejam acessíveis e integrados diariamente nas atividades das crianças. Daí também, a importância das bibliotecas e os demais materiais serem adaptados ao ambiente pré-escolar.

1.1. FATORES QUE DIFICULTAM A PRÁTICA DOS LEITORES PRINCIPIANTES

Embora exista um pensamento evolutivo sobre a prática da leitura, o insistente controle dos professores, a diversificação e a complexidade dos vocabulários, levam os alunos a realizarem uma leitura inadequada. Criando até mesmo frustrações – principalmente, no caso de leitores principiantes. Como se sabe para essas crianças iniciantes no processo de leitura, soma-se a todas as dificuldades citadas anteriormente: a falta de conhecimento prévio sobre o texto trabalhado, deixando evidente a necessidade de que: (...) *o professor deve conhecer quais são as dificuldades reais, naturais, no momento de aprendizagem em que se encontra a criança (...) o professor poderá ajudar o aluno, facilitando o processamento e selecionando apenas textos bem redigidos.* (KLEIMAN, 1998, p. 46)

Nessa perspectiva, é de fundamental importância ao papel dos professores habilitados a trabalhar com crianças iniciantes no processo de alfabetização, que adaptem seu ponto de vista ao dessas crianças, como coloca Emília Ferreiro (1995). Ou seja, a sala de aula é o ambiente onde seu responsável – o professor – deve compartilhar seus conhecimentos, e deixar claro que ele não é o único capaz de possuí-los. Mostrando a leitura como um dos meios mais fáceis e recompensadores de adquiri-los, um simples ato capaz de levar não só à transformação de pensamentos, como também, à construção de outros subseqüentes.

O que se costuma ver com frequência nos leitores principiantes, é um sentimento de incapacidade diante da leitura e da compreensão de textos. Para eles, não conseguir acompanhar o nível dos colegas ou o que o professor espera, gera uma grande expectativa de fracasso. E para que essa expectativa não se transforme em desânimo, desmotivação e drasticamente, em abandono a leitura, Teberosky (2003) diz que:

(...) é necessário que sejamos capazes de reconhecer as possibilidades de leitura das crianças nas leituras não-convencionais (sejam de simulação de atos de leitura, a partir de textos memorizados, ou de antecipação do significado, a partir de indícios contextuais). (TEBEROSKY, 2003, p. 90)

Com este pensamento construtivista, e tendo em vista que a aprendizagem é um processo contínuo de desenvolvimento na vida do homem, essas leituras não-convencionais postas em prática por leitores iniciantes mostram de certa forma o interesse deles pela atividade. Cabe ao professor, estar atento a extensão do texto, a quantidade de informações que podem ser extraídas ou relacionadas, a quantidade de vozes destinadas aos personagens e a diversidade de imagens – que tanto podem facilitar, como podem desviar a interpretação das crianças com relação ao real significado texto. Enfim, os livros infantis são obrigados a oferecer histórias interessantes e de leitura simples.

O primeiro, e com certeza, o principal passo para facilitar a organização das informações e a compreensão dos alunos a respeito do objeto lido, é trabalhar com livros/textos do cotidiano deles. Embora, se trate de leitores que não dispõem de tantos conhecimentos prévios sobre determinado material escrito, sempre ocorre uma aprendizagem. Mesmo que de forma não-intencional, como pode ser o caso das leituras para o ócio.

Leituras estas, que como diz Rubens Alves (1996) são benéficas não unicamente por proporcionarem prazer no momento da prática. Mas, porque podem revelar-se como instrumento de transformação de leitores principiantes em leitores proficientes. E o melhor,

incluindo-os no grupo dos que sentem prazer no ato de ler. Pois, o mesmo ainda acrescenta que, anualmente, as escolas formam milhares de pessoas com habilidades de ler perfeitamente. Mas que, fora do âmbito escolar não vão ler um único livro sequer.

Na maioria das pessoas, esse desinteresse pela leitura é reflexo de experiências constrangedoras durante o processo de iniciação a tal prática. Um bom exemplo é a rotina a que são submetidos os alunos após demonstrarem certo domínio sob a leitura. Cercados de textos para responderem a perguntas definidas pelo professor ou pelos guias didáticos – livros –, a atividade que seria objeto de conhecimento, se transforma em atividade de avaliação. Centrada unicamente no resultado e não no processo em que se desenvolve. Formando, portanto, um leitor passivo, que se acomoda diante da incompreensão ou dá uma interpretação inconsciente ao texto. Ou seja, realiza apenas um mapeamento das informações gráficas.

Quanto a essas interpretações inconsistentes, Barbosa (1994) acrescenta que:

(...) não se ensina à criança o que é ler, porque a leitura não é um saber, mas sim uma prática. Portanto, é lendo que a criança aprende a ler. É através da experiência que a criança desenvolve a capacidade de mobilizar aquelas estratégias básicas para o ato da leitura: verificação, antecipação e identificação. Tentar ensinar uma criança a ler, é além de inócuo, privá-la de ensinar a si própria a ler. (BARBOSA, 1994, p. 119)

É necessário, no entanto, uma análise rigorosa sobre as possibilidades dessas crianças – em especial no caso de principiantes – para que possa ser articulada uma metodologia adequada.

A organização do espaço da sala de aula, o contato com o texto escrito – leitura individual, coletiva, repetidas vezes –, a programação do tempo e a diversidade de atividades desenvolvidas, são elementos que também exigem extrema atenção por parte do professor. Cabe a ele definir que tipos de atividades proporcionarão melhores condições de compreensão, e possíveis resoluções de problemas referentes as dificuldades na prática da leitura. Sem deixar de lado, em momento algum, que o melhor caminho para o desenvolvimento dessas atividades – leitura –, tem como base o prazer. Portanto, este deve ser o ponto de partida do professor, diante do processo de iniciação dos seus alunos ao universo da leitura.

Na qualidade de principal mediador da aprendizagem, o professor também deve permitir às crianças que participem de experiências letradas. Atento para não separar a vida cotidiana da vida escolar, nem deixar que as diferenças sociais interfiram na “cultura escolar”. Nas

atividades de leitura, o papel do professor será o de favorecer ao aluno oportunidades de interagir com a linguagem escrita, de usá-la de modo significativo tal como o faz com a linguagem oral (...). (BACELAR e CUNHA, 2000, p. 51)

E é durante sua prática, como sujeito orientador, que o professor deve centrar seu foco, em primeiro lugar na idéia do autor de determinado texto/livro, conscientizando os alunos da intencionalidade do autor para depois solicitar a opinião deles, oferecendo-lhes como apoio frases especulativas. Sem deixar claro que aquela é sua interpretação, pois cabe a eles – os alunos – construir suas próprias hipóteses, confrontá-las, e posteriormente, confirmá-las ou rejeitá-las, desenvolvendo-se, portanto, como leitores.

A preocupação com a oralidade correta, também interfere e acaba atrapalhando a compreensão dos leitores sobre o texto. Não favorece ao surgimento das hipóteses e o controle da leitura fica nas mãos do professor, que deve trabalhar em vista da construção de previsões, despertando a atenção dos alunos para os fatos e elementos que compõem a história. Um processo que poderia ser descrito como uma provocação da autonomia dos alunos no processo de leitura ou de sua formação como leitores. Como afirma Bacelar e Cunha (2000, p. 80): *(...) se ensinarmos um aluno a ler compreensivamente e a aprender a partir da leitura, estamos fazendo com que ele aprenda a aprender, isto é, com que ele possa aprender de forma autônoma em uma multiplicidade de situações (...).*

E para que o professor possa intervir nas dificuldades apresentadas pelos alunos durante a leitura. Ele deve primeiro encontrar as razões das dificuldades; acreditar que os erros são fator produtivo para o avanço do processo; compreender o que é leitura, e como as crianças aprendem a ler. Ou seja, formar uma parceria – professor ↔ aluno – é elemento indispensável para a efetivação desta prática.

1.2. A PRÁTICA DA LEITURA NA SALA DE AULA

Não são apenas os materiais oferecidos como suporte de leitura que merecem rigorosa atenção, mas também, a confiança que é passada ao aluno de suas capacidades como leitor e a disponibilidade do mesmo à ajudas necessárias. Já que o conhecimento exige uma construção conjunta, esta atividade resulta da interação entre professor e aluno. E pode se estender para além da sala de aula, através do incentivo do professor à busca constante de novos conhecimentos por parte do aluno,

(...) não devemos esquecer que o interesse também se cria, se suscita e se educa e que em diversas ocasiões ele depende do entusiasmo e da apresentação que o professor faz de uma determinada leitura e das possibilidades que se seja capaz de explorar (...). (BACELAR e CUNHA, 2000, p. 75)

É na ação docente que se concretiza o acesso a leitura. A capacidade de aprender a ler pode ser desenvolvida por qualquer indivíduo, não supõe nenhum talento especial. Só depende do estímulo que ele recebe para que esta capacidade se desenvolva ou não.

Em se tratando desta prática ser efetuada na sala de aula, todas as atitudes do professor devem ser analisadas cuidadosamente, pois ele acaba atuando como modelo para os alunos. Aprofundar-se nas questões referentes à leitura, conhecer as crianças com quem trabalha, bem como, a realidade social e os valores culturais, os quais se inserem. Com certeza são elementos mais proveitosos ao desenvolvimento desta prática do que até mesmo, o planejamento em si. Considerando - primordialmente - a heterogeneidade dos interesses e as expectativas presentes na sala de aula.

Tendo em vista que a aprendizagem depende das experiências anteriores do aprendiz, e que a percepção é fator culminante nesta aquisição. Estar nas mãos do professor propor situações que condicionem à criança apropriar-se dos conhecimentos, auxiliando-lhes na sistematização das informações, e conseqüentemente, na formação de leitores eficientes. Já a utilização dos métodos acompanhados nas cartilhas levam as crianças, no máximo a decodificação e decoraçãõ das lições.

As atividades sempre devem colocar as crianças em situações mais próximas da realidade do ato de ler, nas diversas circunstâncias, utilizando as diferentes estratégias para a leitura, em busca do sentido dos textos. A criatividade de cada professor é o limite. (BARBOSA, 1994, p. 140)

Agindo assim, o professor estará incentivando os alunos a se inserirem no mundo letrado a partir da leitura significativa, e não a serem meros indivíduos alfabetizados – aqueles que lêem e escrevem, mas não sabem dar significado a esta prática.

1.2.1 DIDÁTICA DA LEITURA

Além de ser instrumento de atualização, o ato de ler não se limita à disciplina de gramática ou redação. Está relacionado com todas as disciplinas do currículo escolar, como afirma Cagliari (1995, p. 149): *Tudo que se ensina na escola está diretamente ligado à leitura e depende dela para se manter e se desenvolver*. O que reforça a importância de se dar maior atenção a prática da leitura na sala de aula.

Na maioria dos casos são os textos de outras disciplinas (História, Geografia, Ciências, etc.) que explicitam melhor o objetivo da leitura – a busca de informações – do que os textos didáticos de Língua Portuguesa, efetuados freqüentemente de forma superficial e cansativa. Buscando sempre justificar as normas gramaticais utilizadas nos enunciados.

Em concordância com o pensamento de Cagliari, acima citado. A consultora em Língua Portuguesa, Heloísa Cerri Ramos, em entrevista a Revista Nova Escola (2007), afirma que todo professor é professor de linguagem. Afinal, grande parte dos conhecimentos são adquiridos por meio de atividades de leitura e compreensão de textos. Daí esta prática ser responsabilidade dos professores de todas as disciplinas.

E com certeza, a seleção dos textos em função das possibilidades dos alunos e dos objetivos de ensino; uma explicação breve sobre a idéia central do texto e o objetivo da leitura; a formulação de questões problematizadoras a respeito do texto e da curiosidade do aluno sobre tal; organizar uma leitura individual e compartilhada ou vice-versa; sugerir a utilização de observações, anotações, destaques no mais importante; reforço sobre os conceitos mais difíceis; comentários e novas informações durante as pausas da leitura, relacionando-as com o conteúdo; reforçar os aspectos mais importantes ao final do processo e solicitar – de acordo com a série – a elaboração de relatórios, resumos ou fichamentos dos textos. São metodologias que fazem total diferença nos resultados do processo de leitura e compreensão dos textos, para qualquer que seja a disciplina.

- Nos textos históricos, por se tratarem de narrações e dissertações, faz-se ideal uma primeira leitura explorando os elementos narrativos (o que, quem, quando, onde) e num segundo momento os dissertativos (como, por que), estabelecendo assim propósitos a atividade e interesse nas descobertas provocadas pelo professor;
- Já nos textos geográficos, por se tratarem de textos descritivos, é importante que os alunos conheçam sobre o autor e a época em que a produção foi feita, pois a aprendizagem será concretizada a partir das comparações, e a atividade se tornará mais interessante;

- Os textos matemáticos se complicam mais, por tratarem não só da compreensão da língua, como também dos símbolos. Daí a necessidade do professor fazer comparações da questão com situações do cotidiano do aluno, facilitando assim a leitura e a resolução dos problemas;
- Na disciplina de Ciências, os textos informativos e instrucionais (experiências) exigem o uso de dicionários e uma leitura compartilhada, para que depois sejam colocadas atividades de exploração e questões problematizadoras. Em vista de uma compreensão concreta e não apenas uma leitura superficial.

Solé (1998, p. 172), reforça ainda que o professor deve considerar a leitura (...) *um processo de construção lento e progressivo, que requer uma intervenção educativa respeitosa e ajustada. (...)*. Isto é, assim como o desenvolvimento, o gosto pela leitura também vai depender do estímulo que a criança recebe para a oralidade, a espontaneidade e a curiosidade por novas informações.

1.3. A INFLUÊNCIA DO CONVÍVIO NO DESENVOLVIMENTO DOS LEITORES

Interligando mais uma vez, o desenvolvimento escolar das crianças com o papel da família. Constata-se que as relações afetivas nesse meio influenciam não só na formação do indivíduo, mas também nas relações de prazer pela leitura. Como bem sintetiza Teberosky (2003, p. 129): *As crianças que participam em experiências de leitura compartilhada no âmbito familiar mostram-se mais interessadas e curiosas na hora de fazer as atividades para aprender a ler e a escrever no âmbito escolar*. Pois, grande parte do valor social que a criança atribui à leitura é determinado pelo seu uso diário no meio familiar.

Este convívio com leitores ou com uma sociedade letrada, ou simplesmente, com crianças mais competentes nesta atividade, explica também o impulso das crianças a imitação de leitores-modelo definidos por elas próprias. Um exemplo dessa identificação e apropriação de linguagem mencionada por Rubens Alves (1996), foi o caso vivenciado por Sartre. O qual relata em sua autobiografia, **As palavras**, que sendo ele, um admirador das expressões utilizadas por sua mãe durante as leituras que lhe fazia. Decidiu então, apropriar-se delas e imitá-las, até que aprendesse a ler. Fato este, que concretiza a influência do convívio – tão mencionada, até então – com o despertar do prazer pela leitura.

Outro exemplo a ser citado, é o caso do romancista, dramaturgo e poeta, Ariano Suassuna. O qual destaca em entrevista à Revista Nova Escola (2007), que o apoio e orientação de sua mãe e de uma de suas tias foram essenciais para que ele aprendesse a ler aos 7 anos de idade. No entanto, antes mesmo já recitava versos decorados, e ainda ressalta: *Eu não tenho o hábito da leitura. O livro sempre foi para mim uma fonte de encantamento. Eu leio com prazer, leio com alegria.* (p. 18). Ele delega esse gosto pela leitura a uma fabulosa biblioteca deixada por seu pai como herança e a seus tios que sempre lhe presenteava com livros.

Também vele salientar, que independente do tipo de leitor que se encontra na sala de aula, torna-se necessário e inquestionável a importância de se destacar esta prática de forma efetiva no ambiente escolar. E um dos caminhos para alcançar este objetivo é através da qualificação dos profissionais educadores. *Ensinar é um trabalho intelectual que requer uma aprendizagem reflexiva continuada.* (TEBEROSKY, 2003, p. 80). Ensinar, também é aprender: seja com os guias didáticos, com os colegas de profissão, e principalmente, no contato com o heterogêneo público discente.

Portanto, no que se refere à prática da leitura, Kleiman (1998, p. 15) afirma que: (...) *para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura (...)*. Ou seja, a base para que o processo de ensino-aprendizagem da leitura se concretize com eficiência, é a formação de educadores amantes da leitura. À exemplo do romancista Ariano Suassuna – citado anteriormente.

CAPÍTULO II

ANÁLISE DOS DADOS SOBRE A PRÁTICA DA LEITURA NO COTIDIANO ESCOLAR

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Com o objetivo de analisar a prática da leitura no cotidiano escolar, mais precisamente na Escola Municipal de Ensino Fundamental “Vida Nova”, Pombal - PB optou-se como metodologia para desenvolvimento desta pesquisa o **Estudo de Caso**. Um procedimento de grande utilidade nos cursos de pós-graduação e de fácil operacionalidade, sobretudo pela determinação de uma amostra reduzida que ao passo em que delimita o objeto de pesquisa escolhido, também proporciona uma quantidade de informações considerada satisfatória a finalidade do estudo.

Segundo a definição de Gil (apud MATOS, 2001, p. 58): *O estudo de caso é uma prática simples que oferece a possibilidade de redução de custos, apresentando como limitação a impossibilidade de generalização de seus dados*. Apoiando-se nessa definição optou-se como instrumentos colaboradores desta pesquisa: a formulação de questionários específicos (constituídos de quatro modelos); o período de observação com presença efetiva no ambiente escolar; e finalmente o período de regência com atuação prática na sala de aula para aplicação dos planos.

Os dados abaixo apresentados retratam a visão e as perspectivas do público selecionado – a supervisora escolar, as quatro professoras do 2º, 3º, 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, e os vinte e sete alunos do 5º ano da referida escola que funciona nos turnos manhã e tarde. Os dados referentes ao processo de ensino-aprendizagem da leitura na Escola estão reforçados com a exposição de depoimentos originais do público acima citado, em comparação ou confronto com a fundamentação teórica para análise e obtenção concreta dos resultados.

2. 1. ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

2. 1. 1. QUANTO AOS DEPOIMENTOS DA SUPERVISORA

Em virtude da ausência temporária da Diretora Escolar, a atual Supervisora com formação profissional no Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia habilitada em Supervisão Educacional, na qual atua há dez anos colaborou satisfatoriamente para o desenvolvimento deste estudo respondendo de forma espontânea e subjetiva às questões referentes ao tema em discussão.

Quando indagada sobre as metodologias indicadas para trabalhar o estímulo à leitura fez as seguintes referências: *Utilizamos várias metodologias, entre elas, a leitura de gibis, poesias, textos musicados, orações e até mesmo produções de cartas, uma atividade bastante satisfatória ao processo de letramento. Atividades essas desempenhadas de forma individual e grupal.*

Dessa forma, segundo tal depoimento fica evidente a utilização de textos que primam pelo conhecimento prévio dos alunos, ou seja, que destacam o cotidiano deles. Fazendo sempre uma relação entre as diversas disciplinas e o conteúdo exposto no material escrito, trabalhando, portanto, a leitura de forma interdisciplinar.

No referente ao envolvimento dos pais dos alunos com a realização dos projetos de leitura desenvolvidos pela escola, foi colhido como resposta o seguinte enunciado: *Os pais cooperam com auxílio ao cumprimento das atividades, como leitura e memorização de poemas para apresentação de recitais, etc.* Afirmação esta, que merece maior atenção e comparação com os demais depoimentos – docentes e discentes – expostos no decorrer da análise.

Quanto aos benefícios ao alunado perante a prática dos projetos, a exemplo do Projeto Literarte (leitura e representações artísticas na sala de aula), foram apontados: *Estímulo a leitura e a produção escrita, desinibição, conhecimento de obras literárias e um grande desenvolvimento no processo de letramento e expressão oral.*

Nesse sentido, fica claro que o sucesso desse projeto abre caminho para o aperfeiçoamento do mesmo, como também estimula a elaboração e prática de outros. Por exemplo, Biblioteca Ambulante, uma ação que segundo o seguinte relato tem resgatado a valorização e o gosto pela Leitura: *Os alunos aprenderam a gostar de ler. Hoje eles aguardam ansiosos pelo dia da Biblioteca. Além da leitura, os alunos também estão gostando*

de atuar. O que para eles é uma brincadeira tem se tornado uma grande aliada para o desenvolvimento da expressão oral.

O que permite então concluir, que o sucesso da prática dos projetos é reflexo das metodologias executadas pelas professoras. Teberosky (2003, p. 121) diz que: *facilitar o contato das crianças com os livros, dar-lhes a possibilidade de escolher e de manusear, é uma boa maneira de desenvolver a leitura compartilhada.* No caso desses projetos – que podem ser definidos pelos alunos como atividades lúdicas, envolvem na verdade um fundamento educativo de grande significado para o aprendizado deles. E porque não dizer, também para os profissionais envolvidos, visto que a aprendizagem é um processo contínuo e coletivo.

2. 1. 2. QUANTO AOS DEPOIMENTOS DOS DOCENTES

Com formação profissional variando entre Licenciatura Plena em Pedagogia e Geografia, (completa e incompleta), com período de atuação na Educação oscilando entre quatro e quinze anos, as docentes também colaboraram satisfatoriamente com seus depoimentos subjetivos.

Ao serem questionadas sobre como trabalhar a leitura proporcionando prazer e aquisição de conhecimentos aos alunos. As respostas foram apresentadas de comum acordo entre ambas, respeitando evidentemente, os limites individuais dos alunos, que correspondem aos critérios de idade e série em curso.

Todas as entrevistadas enfatizaram a utilização de recursos ilustrativos com conteúdos significativos, como afirma a professora do 3º ano: *Utilizo recursos lúdicos como as músicas, os jogos e as revistas em quadrinhos. Além, é claro, dos textos que fazem parte do mundo das crianças, almejando assim a soma do interesse e o prazer por tal atividade.*

Afirmação esta, totalmente condizente a proposta apresentada pela supervisora no item anterior. No que concerne as principais dificuldades perante a prática da leitura, as professoras destacaram unanimemente o excessivo número de alunos na sala de aula como um dos agravantes para a falta de concentração e, conseqüentemente, para as possíveis dificuldades apresentadas. O que acaba também as impossibilitando de atuar mais próximo daquele aluno

que apresenta dificuldades – por exemplo, com sílabas complexas ou com pontuações – sendo estas as mais apontadas por professores e alunos, no geral.

Para concretizar este comentário, vale ressaltar o depoimento da professora do 2º ano que acrescenta: *A principal dificuldade na prática da leitura é a incapacidade de concentração na sala de aula, e a falta de incentivo por parte da família. Um agravante relevante para a maioria dos casos da turma.*

Importa destacar, entretanto, a contrariedade entre o depoimento acima e o da Supervisora – apresentado no item 2.1.1 – referente ao envolvimento dos pais com as atividades escolares de seus filhos – nesse caso as atividades de leitura. Um fato que mais uma vez chama a atenção para a importância dos depoimentos dos alunos acerca dessa questão, os quais serão apresentados posteriormente.

Outro comentário que pode ser inserido nesse contexto discursivo é a citação de Bacelar e Cunha (2000) que diz:

Para que uma possa se envolver em uma atividade de leitura, é necessário que sinta que é capaz de ler, de compreender o texto que tem em mãos, tanto de forma autônoma como contando com a ajuda de outros mais experientes que atuam como suporte e recurso. De outro modo, o que poderia ser um desafio interessante – elaborar uma interpretação adequada – pode se transformar em um ônus e provocar o desânimo, o abandono, a desmotivação. (...) (BACELAR e CUNHA, 2000, p. 73-74).

Ou seja, é de fundamental importância que o professor tenha conhecimento do grau de desenvolvimento da leitura do aluno no momento de selecionar o material escrito a ser trabalhado, para que não cometa o equívoco de querer explorar do aluno aquilo que ele ainda não tem nenhum conhecimento pré-estabelecido e, principalmente, é exigido cautela dos professores no momento de citarem comentários sobre o desempenho dos alunos. Pois, a repercussão das palavras é decisiva no desenvolvimento da vida escolar do aluno.

À exemplo da prática da leitura com crianças principiantes no processo de alfabetização, onde a situação se torna ainda mais complexa, em razão da ausência de conhecimentos prévios sobre os textos, que em alguns casos pode ser justificada pela inadequação à sua maturidade escolar. Um critério que deve ser analisado cuidadosamente por todo corpo gestor da escola, partindo do professor regente de determinada turma e não deixando de fora a inspeção dos pais ou responsáveis.

A professora do 2º ano dá alguns exemplos de textos indicados para trabalhar com leitores principiantes: *Os textos do tipo, poesias, músicas, rótulos, contos de fada e fábulas favorecem bastante. Por se tratarem de conteúdos cotidianos e até por estimularem a memorização e posteriormente a narração oral.*

Portanto, recomenda-se para trabalhar com esse público, textos de leitura curta e simples, de preferência que façam parte do cotidiano deles. Para que assim percebam o prazer e o valor da leitura, incentivados é claro, pelos adultos em seu convívio – familiar e escolar.

Um exemplo claro da influencia dos conhecimentos prévios dos alunos para com o interesse deles pela leitura, são os jornais escritos e as revistas noticiárias, com reportagens – na maioria das vezes – que não fazem parte de sua compreensão em razão da “imaturidade escolar”. O que se contrapõe a total afeição deles por livros de história infantil, pois esses, como afirmou a professora no depoimento acima, desperta o interesse pela memorização para o posterior prazer de uma narração oral, além do fascínio de relatar histórias que fazem parte do seu mundo encantado das criações.

Ao analisar o depoimento da professora do 5º ano, que engloba justamente essa questão, a importância de se considerar o conhecimento prévio dos alunos sobre os textos trabalhados, foi registrado um segundo elemento benéfico a ambos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem: *É importante, porque através desse conhecimento, se busca corrigir as falhas possíveis na própria metodologia e descobrir as dificuldades a serem superadas.*

Depoimento este, que merece destaque não apenas pela humildade da professora para assumir possíveis falhas metodológicas no processo de ensino, mas também por ressaltar a necessidade de auto-reflexão diária dos profissionais habilitados a lidar com o processo de ensino que também é aprendizagem. Como Solé (1998, p. 110) coloca: *(...) alguém que assume responsabilidade em seu processo de aprendizagem é alguém que não se limita a responder às perguntas feitas, mas que também pode interrogar e se auto-interrogar.* Portanto, é a partir da auto-reflexão, do auto-questionamento que surge a aprendizagem, um processo que envolve docentes e discentes.

E por fim, em relação à contextualização do cotidiano dos alunos com as leituras trabalhadas em sala, mais uma vez destaca-se a importância de explorar conteúdos que coloquem em evidência o conhecimento prévio deles. O que traz como conseqüente o favorecimento ao estímulo da participação interativa diante das discussões inerentes ao tema em estudo.

Quanto ao posicionamento das professoras quando interrogadas sobre tal questão, foi concordância. E ainda ressaltaram que a contextualização das leituras com o cotidiano dos educandos, ao mesmo tempo em que os transporta para o mundo da leitura, também os desperta para a utilização do senso crítico. Gerando, portanto, um confronto de opiniões entre suas idéias e as do autor.

Uma confirmação desta interpretação é o seguinte depoimento da professora do 4º ano: *Utilizo notícias do dia-a-dia e textos de diversas formas, sempre associados ao tipo de relações que o educando faz em seu cotidiano. Buscando além da familiarização a compreensão da idéia do autor.*

A professora do 5º ano entra em concordância e acrescenta: *Procuo utilizar textos significativos sobre diversos temas, a exemplo dos textos sobre saúde, ética, relações humanas, dentre outros. Esses textos têm reflexos diretos na vivência dos alunos, pois é notória a apresentação de mudanças de hábitos e atitudes significativas.*

Para reforçar os depoimentos acima, vale destacar o pensamento de Bacelar e Cunha (2000, p.79) que diz: (...) *quando a leitura envolve a compreensão, ler torna-se um instrumento útil para aprender significativamente.* (...). No entanto, essa compreensão deve ser avaliada de forma individual, condizente com a maturidade e a realidade do aluno. Importando atentar para as aprendizagens que fogem do conteúdo disciplinar, porém de grande significação para o indivíduo em processo de formação – como destacou a professora do 5º ano. Tomando como pressuposto que a Educação Escolar não se resume a Formação Acadêmica, abrange – ou pelo menos almeja-se – a formação do indivíduo para a vida.

2. 1. 3. QUANTO AOS DEPOIMENTOS DOS DISCENTES

Após apresentação do material utilizado para questionamento, explanação de como seria aplicado e qual a finalidade dessa prática. Os alunos demonstraram interesse para responder as questões, atraídos pelas ilustrações e pelo tema bastante interessante e prazeroso para esse público.

Quando indagados sobre as leituras que mais lhes chamam a atenção, o que mais gostam de ler? As respostas não se contradisseram as metodologias apresentadas pelas professoras. Segundo eles – os alunos – sentem grande atração pela leitura de poesias, fábulas, revistas em quadrinho, entre outras variações. Ou seja, textos direcionados a aventuras ou

com uma moral interpretativa, o que permite concluir que a parceria dos textos lúdicos e significativos – tão mencionados anteriormente pelas profissionais – atua de forma eficaz quando a intenção é incentivar os alunos para a prática da leitura, dentro e fora do âmbito escolar.

O ato de escrever com autonomia sobre os temas escolhidos também foi constatado que é uma atividade desempenhada pelos alunos com bastante satisfação. Através dos depoimentos evidenciou-se uma grande relação desse gosto pelas produções textuais com as atividades de leitura exploradas pelas professoras. O aluno (RR) completou a seguinte frase: Um dia vou escrever... *um livro que tenha muitas histórias*. A aluna (FE): Um dia vou escrever... *um livro falando sobre eu*. Respostas essas, que variaram entre outras opções como: músicas, famosos, minha família, poesias. Partindo sempre daquilo que eles têm como referência, ou seja, os textos apresentados na sala de aula.

Quanto a essas informações que funcionam como referência, Barbosa (1994, p. 118) diz que: *a informação, como a compreensão, é relativa. Informação e compreensão estão ligadas ao indivíduo, à sua estrutura cognitiva e dependem tanto do que se conhece quanto do que se procura saber*. Uma procura que tem como ponto de impulso a atividade pedagógica desempenhada em sala, considerando sempre os limites e as dificuldades individuais dos alunos.

Dificuldades essas inerentes à leitura, que eles adotam como justificativa as palavras grandes, estranhas e de difícil pronúncia. Obstáculos não só para a decodificação e compreensão dos textos, mas também fortes contribuintes para o desinteresse por tal prática.

Para concretizar os comentários sobre essa questão, destacou-se alguns depoimentos: Tenho dificuldade de entender uma leitura quando... *o livro é muito grande* (DA); *tem palavras estranhas* (KR); *ela tem palavras difíceis* (JN); *a palavra é grande, difíceis e também quando nunca vi*(VI). Houve ainda aqueles que responsabilizaram a ansiedade, e por fim, aqueles que elegeram a leitura silenciosa de textos pequenos como a preferida. Por lhes proporcionar maior possibilidade de concentração e compreensão do contexto, alegando que a leitura em voz alta os inibi diante do público ouvinte e os textos longos atrapalham a interpretação.

As respostas inerentes a esses dois últimos tipos de leituras foram as seguintes: Quando leio em silêncio, eu... *não fico mais nervosa* (ED); *se concentro mais* (MA); *entendo mais* (FR); *fico mais aliviada e dá para pensar melhor* (VN); *fico viajando no mundo encantado* (KR). Quando leio em voz alta, eu... *fico muito nervosa* (KL); *sinto vergonha* (DA); *não*

entendo nada (MM); *me atrapalho* (KR); *me sinto inspirada* (VI); *gosto muito* (AK); *adoro* (RR). Entre outras que caminharam nesse mesmo sentido, apenas com troca de algumas palavras.

Os registros acima evidenciam, no entanto, a diferenciação de capacidades intelectuais e a heterogeneidade de preferências metodológicas presentes na sala de aula. Cabendo ao professor conhecê-las e respeitá-las diante do intuito de quebrar os obstáculos, visto que, um dos objetivos da ação docente é preparar os discentes para enfrentar seus medos. À exemplo das atividades de oratória, que têm grande relação com as práticas de leitura em voz alta.

Atividade essa, que segundo as respostas constatou-se a provocação de diferentes sensações nos alunos. Diferentemente das atividades de leitura silenciosa, em que as respostas retrataram maior autonomia na concentração e até mesmo liberdade para se transportarem ao mundo apresentado pela respectiva leitura. Uma resposta – esta última – que tem como fundamento a necessidade que as crianças sentem de interagir com as informações a que são expostas. E que para tanto, necessitam de familiaridade com os temas dos textos – a qual deve ser proporcionada pelo professor através de uma apresentação previa – favorecendo, portanto, para a efetivação de uma leitura produtiva e prazerosa.

Uma das condições necessárias para que a experiência de ler seja prazerosa é que a leitura satisfaça um propósito, isto é, seja significativa para o leitor. A significação e o interesse caminham juntos. De modo geral, é significativo para o leitor aquilo que se relaciona à sua vida, que desperta a curiosidade, que o ajuda a compreender o mundo ou a criar mundos imaginários, que responde a seus problemas, que lhe permite melhor relacionar-se com os outros. (BACELAR e CUNHA, 2000, p. p. 49-50).

Um fato que concretiza essa afirmação são os benefícios dos projetos de leitura apresentados pela supervisora e também comentados pelas professoras nos itens 2.1.1. e 2.1.2, respectivamente. Na ocasião, ambas destacaram a sensação de prazer demonstrada pelos alunos diante das atividades de representação, onde através da incorporação de personagens de sua admiração a compreensão sobre o sentido das histórias transpareceu-se de maneira imediata e real.

Outro momento em que as respostas dos alunos diferenciaram-se foi durante os questionamentos a respeito dos livros didáticos, dos jornais e das historinhas. Para mim, os livros de estudo são... *educativos* (UM); *interessantes* (KR); *melhores que os outros* (WR); *chatos* (DG). Acho os jornais... *Informativos* (FL); *bons de se comunicar* (WR); *muito grandes* (JV); *muito chatos* (DA); *interessantes* (MA); *muito legais* (PH). Acho que as

historinhas são... *Interessantes* (FL); *muito legais* (LV); *muito divertidas porque tem muitos personagens divertidos* (KL); *muito infantil* (MM); *mentirosas* (DG). Infelizmente não foi possível tomar conhecimento dos motivos individuais dos alunos para cada afirmação, pois, só assim o entendimento sobre suas perspectivas e atitudes se daria de forma concreta e sucinta.

No entanto, é fato declarado que a leitura realmente atrai a atenção dos alunos perante as demais atividades escolares. Primeiro, pela infinita curiosidade que as crianças e demais seres pensantes têm de descobrir coisas novas, quer seja por satisfação própria ou pela intenção de transmiti-las a terceiros. Segundo, pela interatividade que ela proporciona – dependendo das metodologias utilizadas pela professora – ao andamento da aula, que dispõe ao aluno autonomia interpretativa seguida de discussões para concretização da compreensão.

Através de alguns dentre os demais depoimentos, reforça-se tal pensamento: Quando estou lendo, eu... *Viajo no mundo encantado* (VI); *me divirto* (PT); *fico feliz* (DA); *fico um pouco nervoso mas leio um pouco bem* (UM); *imagino as coisas de verdade* (WR); *fico criando personagens*.

Todavia, mesmo diante de todo esse interesse discente pela leitura, não se destaca a extrema importância da participação dos pais no processo de ensino e aprendizagem das crianças. E com relação à leitura não é diferente, uma vez que os adultos atuam como modelo para elas, uma parcela do estímulo à leitura está dependendo do seu cotidiano no meio familiar, seja no que se refere à prática da leitura ou a disponibilidade dos recursos escritos.

(...) muitos mostram que uma leitura diária e um começo precoce, no segundo ano de vida, permitem às crianças um contato com a linguagem formal dos livros e com o texto escrito que as motiva a aprender, ao mesmo tempo em que condiciona suas aprendizagens posteriores. (TEBEROSKY, 2003, p.25)

Não se pode esperar que um indivíduo tenha paixão pela leitura se ele quase não tem acesso a livros que lhe satisfaça, ou que não conviva com pessoas rotinadas a prática da leitura. Inclusive, alguma das respostas dos alunos para a seguinte frase foi: Eu leria mais se... *tivesse uma estante de livros* (MU). Entre outras como: se... *todas as histórias fossem em quadrinhos* (KR); *não tivesse dificuldades* (ED); *os livros fossem de poemas* (DA); *não tivesse palavras grandes* (WR).

Nesse sentido, apesar de alguns terem apresentado outras dificuldades além de suas preferências, constatou-se que a precariedade diante da oferta de um cotidiano com livros

interessantes e do incentivo dos adultos que os cercam, é um dos motivos para o déficit da prática da leitura. E esse motivo expande-se por um número de crianças surpreendentemente superior ao público aqui exposto.

Também em contrapartida ao depoimento da supervisora –item 2.1.1 – a respeito da participação dos pais nos projetos de leitura, além da professora – item 2.1.2 – apenas nove dos vinte e sete alunos questionados afirmaram gastar seu tempo livre ou que ficam muito entretidos quando fazem atividades de leitura, seja por obrigação escolar ou simplesmente por prazer.

Um número, portanto, não insignificante, mas ainda pequeno e que transparece falta de incentivo no seu meio familiar. Apesar de não ter total segurança quanto a esta conclusão, em razão de não ter conhecimento suficientemente concreto sobre o cotidiano individual dos alunos.

Contudo, espera-se que esta justificativa não retrate uma realidade tão absoluta diante do quadro quanto ao exemplo dos adultos que convivem com estas crianças. E que futuramente suas respostas com relação à prática da leitura sejam mais satisfatórias e entusiasmantes para os profissionais aptos a lidar com o processo de ensino-aprendizagem de crianças em iniciação na vida escolar.

Para tanto, quando indagados se vão gostar de ler quando crescer, vinte dos alunos marcaram o quadrado que identificava sim como resposta, os demais se dividiram entre um pouco e não. Também responderam que se sentem felizes quando lêem para eles uma história ou poemas. E que: Se tivessem que recomendar um livro, eu escolheria... *A arca de Noé* (UM); *Aladim* (WR); *um de poesias* (AT); *os romances de princesas* (VI). Se tivesse que viver um ano em uma ilha deserta, eu levaria os seguintes livros... *Izaque Nilton e um com folhas limpas para poder escrever como foi lá* (WR); *livros de Deus para poder eu ler* (AT); *poemas, contos e vários outros* (VI); *um livro guia de como passar um ano em uma ilha* (UM).

Depoimentos que sintetizam a afeição dos alunos pela leitura nas mais situações e intenções. Cabendo, portanto, aos professores conscientizá-los de seus benefícios e dimensões de abrangência. Através da qual, se fixam todas as demais formas de socialização humana.

2. 2. PERÍODO DE OBSERVAÇÃO PARTICIPATIVA

Apoiando-se na definição, que diz:

A observação é uma técnica muito utilizada, principalmente porque pode ser associada a outros procedimentos, por exemplo, a entrevista. Para ser considerada para a pesquisa científica, temos de observar, compreender o que é essencial e fazer o registro. Devemos ainda lembrar que a observação deve ser: orientada por um objetivo de pesquisa, planejada, registrada e ligada a proposições mais gerais, e que, além disso, deve ser submetida a controle de validade e precisão. (GIL, apud MATOS, 2000, p. 58).

Optou-se, portanto, pela **Observação Participativa**, através da qual, o pesquisador passou a fazer parte do grupo de maneira “artificial”, dessa forma os dados foram coletados com precisão e clareza. Embora, as pessoas envolvidas tenham sido informadas sobre os objetivos da pesquisa, o prazo de dez dias com presença efetiva na Escola – considerado relativamente longo – não relevou uma maior probabilidade de mudança de comportamento no público alvo. Por sinal bastante espontâneo durante suas atividades diárias.

Foi possível observar durante as visitas, que o relacionamento entre o corpo administrativo da Escola e as docentes é de comum acordo. Desde a elaboração dos planos de aula semanal até a resolução de pequenos problemas que interferem nas atividades diárias da instituição, e que refletem de imediato no desenvolvimento escolar dos alunos. Atitudes essas, constatadas em vários momentos, com destaque especial para a observação de um dos dias de planejamento.

Durante as observações metodológicas da professora regente – do 5º ano – constatou-se a adesão a diversos instrumentos cotidianos e de utilidade lúdica –, dinâmicas, jogos, etc. – para favorecer a interatividade da turma durante as aulas. Sendo o segundo horário mais exigente com a seleção das metodologias, em razão da euforia do intervalo e da ansiedade dos alunos pelo término da aula.

Também foi constatado que as aulas são sempre iniciadas com uma leitura – sejam orações, fábulas, poemas – para uma posterior relação do sentido do texto com os fatos cotidianos. Além, é claro, da utilização de leituras coletivas, atividades de monitoria entre os alunos – incentivando-os ao diálogo – e a interdisciplinaridade a partir dos textos relacionados a realidade – uma prática bastante favorável a concretização dos conhecimentos discentes.

Como estratégia para atrair o sentido das crianças ao universo dos livros e a partir daí adentrarem nos conteúdos disciplinares, a direção em conjunto com todo o corpo docente da Escola optou pela realização de leituras compartilhadas durante a recepção dos alunos no

mini-auditório. Uma dinâmica aplicada somente ao turno manhã, pois no turno tarde as leituras são praticadas nas salas referentes a cada série, em razão da diversidade da faixa etária ser maior e, conseqüentemente o nível intelectual dos alunos também. As professoras descrevem essa prática como uma preparação ao ritmo das aulas.

Aliás, durante o período de observação foi possível constatar que a Leitura tem bastante destaque nas atividades da Escola, desde a recepção dos alunos com leituras participativas – como já foi mencionado – até a coleta de leituras individuais e reforços uma vez por semana, com auxílio de entidades voluntárias – à exemplo do INTERACT CLUB DE POMBAI. Atitudes essas, que somadas às atuações particulares das professoras revelam grandes chances de êxito no processo de ensino e aprendizagem da Leitura, com reflexos significativos nas demais áreas do desenvolvimento intelectual dos alunos.

2. 3. ANÁLISE DA REGÊNCIA

Com base nas discussões levantadas através dos questionários e a partir da efetivação dos planos postos em prática com os alunos do 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Vida Nova, decorre o presente relatório. Contando também com importante apoio e fundamentação das referências bibliográficas para sustentação das argumentações teóricas, que giram em torno da Prática da Leitura no Cotidiano Escolar, numa perspectiva de proporcionar prazer e aquisição de conhecimentos aos alunos dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental.

Durante a aula que teve Poemas como conteúdo, destacando o título “Paraíso”, foi surpreendente a atração e o interesse dos alunos pelas atividades, eles demonstraram verdadeiro prazer durante a leitura do poema. Os fatores colaboradores para tal comportamento foram: a leitura coletiva – que favoreceu a desinibição para a posterior leitura individual –, a oportunidade de participação interativa no momento das discussões sobre o tema – texto pequeno com palavras de fácil pronúncia – e a apresentação prévia sobre o conteúdo.

A boa aceitação dos alunos justifica-se também em parte, pela confiança que foi passada a eles, a liberdade para aproveitarem o espaço de participação seus conhecimentos. E essa confiança foi respondida durante as discussões e as apresentações voluntárias de outros poemas de conhecimento deles, contando também com a colaboração dos colegas em platéia. Valendo então destacar o pensamento de Solé (1998, p.103): (...) *a graça reside em saber o*

que o texto diz, mas em saber mais a partir do texto (...). O que colocou em evidência, nesse caso, os conhecimentos da turma a respeito do tema preservação da natureza, apresentado em forma de poema. Resultando, portanto, numa aula dinâmica, interativa, produtiva e prazerosa.

Em contrapartida ao exemplo relatado anteriormente, trabalhar a leitura sob apoio dos Rótulos e Embalagens, não foi uma atividade que atraiu a atenção dos alunos, embora tenha sido observada a prática de atividades grupais com bastante frequência durante a atuação da professora efetiva dessa turma, ficou evidente a grande dificuldade de colocar em prática atividades dessa natureza. Durante a aula, a qual se explorou a leitura dos grupos sobre os rótulos em mãos de cada aluno, a discussão sobre os dados identificados e a criação de rótulos fictícios, sob apoio dos originais. Constatou-se a falta de colaboração por parte dos colegas ouvintes e verdadeira desconcentração dos grupos.

Nesse momento também identificou-se o descontentamento de alguns alunos diante das escolhas da professora regente para formação dos grupos, gerando até mesmo comentários infelizes entre eles. Embora o resultado final da criação dos rótulos tenha sido satisfatório, foi difícil direcionar os grupos para o diálogo, à aceitação à diversidade de opiniões e ao respeito por seus colegas e suas capacidades individuais.

Deduz-se, portanto, que atividades como essa exigem atenção dos professores no momento de formar os grupos e, principalmente, durante a avaliação. Que deve ser individual em relação a participação e ao empenho, e coletiva no que se refere a interpretação, quando se trata de textos que exigem uma leitura interpretativa.

No caso dessa atividade constatou-se que embora tenham sido formados os grupos, a ação dos alunos diante da atividade não foi conjunta. Muitos dos integrantes uniram-se somente para conversas paralelas, com atenção totalmente desviada do conteúdo. Fugindo, portanto, do real objetivo desse tipo de leitura, que é “saber fazer” a partir do ato de ler. *O material impresso do tipo doméstico consiste em escritos utilitários e cotidianos nos quais se aprende a ler para fazer. (...).* (TEBEROSKY, 2003, p.28)

Já durante a aula que destacou como conteúdo os artigos do Estatuto da Criança e do Adolescente, foi possível contar com total participação dos alunos. Com a atenção voltada para o tema deram um roteiro surpreendente ao desenvolvimento da aula, mostrando que tinham interesse pelo tema e colaborando para que o ambiente se tornasse propício à efetivação da leitura em busca da concretização de suas informações.

E foi durante o debate posterior a leitura silenciosa e a leitura coletiva sobre os artigos, que surgiram as mais variadas interrogações sobre seus direitos e deveres, onde a ansiedade para se expressarem gerou comentários admiráveis, evidenciando, portanto, que o conhecimento prévio sobre o tema já existia. Fator que em alguns momentos proporcionou o descontrole sob o comportamento dos alunos, em razão da empolgação com as oportunidades de participação.

No entanto, quando solicitados a criarem cartazes ou folhetos individuais expressando suas opiniões a respeito dos direitos e deveres da Criança e do Adolescente, novamente o controle da turma foi tomado pela professora regente. Com total concentração sob a atividade eles mostraram criatividade e compreensão sobre o tema em questão, revelando-se, portanto, essa atividade bastante benéfica à formação integral deles enquanto cidadãos

Bacelar e Cunha (2000, p.72) diz que: (...) *nossa atividade de leitura está dirigida pelos objetivos que pretendemos mediante ela; (...)*. E um dos fatores culminantes para o sucesso da aula foi a curiosidade dos alunos que se revelou em objetivos.

Quanto a atividade que destacou um baú de Leituras Variadas, embora essa tenha sido uma atividade bastante atrativa aos alunos, foi difícil ordená-los no momento da escolha individual do material escrito, em detrimento das preferências.

Um fator que deve ser levado em consideração pelos professores ao mesmo tempo em que devem conscientizar os alunos da importância da leitura no geral. Pois, cada uma proporciona universos particulares.

E foi durante a leitura individual em voz alta e os comentários coletivos, que eles perceberam as particularidades dos textos trabalhados. Com histórias típicas do fantástico mundo encantado das crianças, além de poemas, contos, e uma imensa variedade de escritos que expostos na caixa simulando o baú ao centro da sala ofereceram aos alunos a oportunidade de viajarem profundamente na companhia de cada autor do texto escolhido.

Apesar da leitura individual em voz alta contribuir para a inibição dos alunos, e até mesmo a rejeição por tal atividade. Essa não foi uma atitude evidenciada na ocasião, talvez em razão deles não estarem sendo avaliados segundo seu desempenho como leitor – e sim como elemento participativo da aula – encararam a atividade como um momento de lazer, onde o prazer da narração os levou a concentração diante das apresentações dos colegas.

Diferente do relatado anteriormente, as dificuldades com relação a prática da aula utilizando-se dos Jornais e Anúncios como recursos textuais, iniciaram-se com a formação das

duplas para efetivação das atividades. Mais uma vez com relação a essa questão houve renúncia de pareceria entre alguns colegas, e em boa parte das equipes não houve trabalho coletivo.

A questão da concentração diante de cada tarefa também não foi satisfatória. Apesar da apresentação docente sobre os jornais, os benefícios de sua leitura e suas utilidades escritas, os alunos ignoraram as mensagens escritas desviando suas atenções para as ilustrações. Alegando eles que as reportagens escritas traziam palavras grandes, difíceis e notícias estranhas e tristes em sua maioria.

Em alguns depoimentos orais foi possível registrar que segundo eles as notícias dos jornais estragavam suas fantasias com realidades indesejáveis. Comentários que colocaram em destaque mais vez suas preferências por determinados tipos de textos. Os quais devem ser conscientizados de que a cada momento novidades acontecem nos mais variados espaços, daí a importância da prática da leitura diária e diversificada.

O que lhes atraiu a atenção foi a observação visual para criação de anúncios individuais, que colocou em destaque a criatividade e empolgou os alunos para os momentos de apresentação oral de suas criações, onde a participação da turma foi unânime e interativa para a conclusão da aula.

Teberosky (2003, p.84) chama a atenção para esse critério de seleção do material escrito a ser trabalhado, afirmando que: *(...) o material da escola infantil não deveria limitar-se aos escritos escolares, mas deveria explorar os espaços escritos nas ruas e nos bairros, os espaços domésticos e familiares, que permitem uma primeira iniciação as diversas funções da escrita.* Uma atitude fundamental para o desenvolvimento dos alunos no universo da Leitura.

Contrário ao que aconteceu com a utilização dos jornais, trabalhar com a Fábula: “A pedra, o papel e a tesoura” despertou grande interesse nos alunos pela leitura e pela compreensão da moral da história. Direcionando a aula ao sucesso de suas atividades e das expectativas docentes.

Com total participação na leitura silenciosa e na leitura coletiva, vale ressaltar que através da leitura em voz alta estimulou-se a expressividade oral dos alunos. E por intermédio da leitura silenciosa foi proporcionada a oportunidade de utilização do senso crítico e interpretativo, indispensáveis à formação do cidadão. Portanto, tais atividades se complementaram.

Esse tipo de texto tem como elementos justificativos ao estímulo do interesse dos alunos: as mensagens implícitas, o favorecimento a interatividade, as ilustrações e o fascínio da humanização dos personagens. Fatores esses que se destacaram durante toda a regência da aula.

No momento reservado as discussões e a relação entre as atitudes dos personagens e os comportamentos humanos, a participação dos alunos ocasionou um sucesso maior nas interpretações orais que durante as atividades escritas. Embora as últimas tenham retratado maior controle sobre a turma, o que evidencia mais uma vez o interesse dos alunos pela interatividade, proporcionada por textos de seu cotidiano.

Comportamento esse, que ressalta o pensamento de Bacelar e Cunha (2000, p.93): (...) *é durante a interpretação eu o leitor mais inexperiente compreende o texto: não é durante a leitura em voz alta, mas durante a conversa sobre aspectos relevantes do texto.* (...)

Elemento esse, de grande contribuição para o andamento da aula que se apoiou nas Reportagens sobre Meio Ambiente, destacando a “Poluição do Rio Piancó” como conteúdo.

O interesse dos alunos surgiu desde o princípio da atividade, por se tratar de um tema em destaque no momento e com relação profunda no cotidiano deles. Bastante curiosos, foram despertados de início pelo significativo título e em seguida pela pré-apresentação docente do conteúdo.

A leitura coletiva da reportagem sobre a poluição do Rio Piancó levou os alunos a concentração total e efetivação de uma leitura produtiva. Constatada pelo surgimento das discussões onde expuseram sua surpresa e indignação diante das informações transmitidas.

Para concretização das informações foi apresentado um DVD com fotos sobre a realidade do Rio. A reação de surpresa nos alunos mais uma vez foi constatada, e aproveitando o momento de indignação foram convidados a registrar suas críticas em uma carta manifesto com destino a ser definido posteriormente.

A leitura individual em voz alta das cartas destacou atuações críticas surpreendentes, mostrando que trabalhar com escritos inerentes aos problemas sociais também têm possibilidades de gerar interesse e prazer nos alunos. Destino esse confiável às metodologias e à atuação docente – mediadores da aquisição de conhecimentos.

Não diferente do sucesso comprovado através da atividade exploratória da fábula, trabalhar com letras musicais se encaixa perfeitamente no requisito estímulo à leitura. As

mensagens implícitas e o envolvimento da Música “Utopia” com o contexto diário dos alunos foram fatores culminantes no desenvolvimento da aula.

A disponibilização de um espaço para as crianças expressarem suas opiniões fez com que elas se sentissem atuantes na aula. Daí a total participação na leitura coletiva, para a partir da mesma dar-se seguimento as discussões sobre o sentido do texto em comparação com os fatos cotidianos. Momento em que a aula passou a ser ministrada a base do diálogo e da interatividade, sendo possível conhecer um pouco mais sobre a realidade e as expectativas de vida dos alunos.

A leitura individual e silenciosa reforçou as interpretações para os registros escritos e ilustrativos, formando um mini-livro subdividido pelas estrofes da música. Favorecendo, portanto, a criatividade e a autonomia de forma discreta e espontânea. De modo a retratar uma atividade em que colocou como destaque a atuação do senso crítico discente.

Já ao observar observando o desempenho das atividades que envolveram o Hino Nacional Brasileiro como material, foi constatado que as ilustrações também são elementos contribuintes na hora de atrair o interesse dos alunos pelas atividades – principalmente se tratando de crianças.

Aliás, para qualquer que seja a atividade escolar o alunado exige a atuação de recursos que lhes estimulem, como comprovado durante esta prática. Valendo salientar que apesar de não ser descartada a influência das metodologias, ficou óbvio que o principal elemento contribuinte para o despertar do interesse dos alunos pelas atividades foi a escolha do tema pré-apresentado pelo título.

A leitura individual dividida por estrofes para cada aluno os levou a tamanha empolgação e expressividade que em alguns momentos transpareceu-se uma dramatização. Aproximando-se do pensamento de Bacelar e Cunha (2000, p.61) que diz: *Assumir o controle da própria leitura, regulá-la, implica ter um objetivo para ela, assim como poder gerar hipóteses sobre o conteúdo que se lê. (...)*

E as ilustrações nesse caso foram grandes contribuintes para a interpretação das estrofes durante as discussões, e a produção individual de um pequeno texto sobre a estrofe que mais lhes chamou a atenção. A qual foi exposta oralmente aos demais colegas que ouviram com atenção e ansiedade para se apresentarem

O mesmo aconteceu com a Dramatização de Textos Variados. Bastante dinâmica e descontraída a aula colocou em destaque a expressão oral dos alunos através da simulação de

uma rádio, com programação variada de diversas leituras efetuadas pelos próprios alunos. No caso, protagonistas da programação.

Através da leitura silenciosa sobre os diversos escritos distribuídos à turma, os alunos prepararam-se com concentração e entusiasmo para as representações individuais sob orientação docente.

Tamanho foi o interesse deles pela atividade que chegaram a efetivar suas leituras individuais com perfeição e empenho, que quase não restaram observações a serem feitas pela professora regente. Apenas alguns comentários a respeito da variação da expressividade oral para cada tipo de texto, fundamentados em Teberosky (2003, p.86): (...), *a leitura em voz alta permite associar os signos gráficos com a linguagem e a linguagem com tipos de textos, ou seja, os gêneros e os suportes materiais sobre os quais eles se apresentam. Mas, além disso, escutar a leitura em voz alta é escutar a linguagem, e isso ajuda a criança a desenvolver sua competência lingüística.*

A colaboração e a atenção da turma também se estenderam até o momento da exposição da fita K7 com as falas dos alunos e toda a “programação”. A atividade os empolgou a ponto de solicitarem novas edições e a sugerirem novas programações para a rádio, segundo eles com excelentes locutores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apoiando-se nas discussões dos teóricos aqui adotados, nos depoimentos do público selecionado para análise e na prática dos planos que ressaltaram a leitura com elemento indissolúvel da aprendizagem. Constatou-se que a preferência dos alunos por atividades que a destaque se dá em detrimento do prazer da interatividade entre a professora e toda a turma. E que as leituras são extremamente atrativas quando interpretativas e dinâmicas, sem pôr em destaque situações que inibam a participação dos alunos.

Destacando, portanto, a leitura coletiva sob apoio das dramatizações como elemento favorável ao estímulo à Leitura. E a leitura silenciosa indispensável às interpretações, sendo essa, uma atividade que enfrenta muitas dificuldades para ser posta em prática na sala de aula.

Também foram identificados no decorrer deste estudo os benefícios que o ato de ler proporciona concernente com as práticas metodológicas inerentes a uma leitura prazerosa. À exemplo do Projeto Biblioteca Ambulante, observado na Escola Vida Nova. Ocasão em que evidenciou-se o interesse e o gosto dos alunos diante de tal atividade, os quais tiveram atitudes idênticas durante a prática de algumas atividades que se assemelharam a tal Projeto.

O que permite então concluir que, o processo de ensino-aprendizagem da leitura exige atenção dos professores na seleção do material e disposição para atenderem as reivindicações dos alunos diante de suas preferências. Caminhos esses definidos e indicados por Isabel Solé (1998), também evidenciados durante a prática das atividades da Escola.

Enfim, trabalhar a Leitura de forma geral exige interesse, prazer e ação conjunta entre professores e alunos. Pois, só assim transparecerá a importância e os benefícios dessa prática. Exigências que se estendem as demais ações educativas de uma Escola Cidadão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Rubens. Conceitos de leitura. In: **Entre a ciência e a sapiência** – o dilema da educação. São Paulo: Editorial Loyola, 1996.

BACELAR, L. Pereira e CUNHA, M^a Josenilde Costa. **Metodologia do Ensino de Português**. UVA. Fortaleza – CE, 2000.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. – São Paulo - SP: Cortez, 1994.

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Lingüística**. São Paulo – SP: Scipione, 1995.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. Trad.: Horacio Gonzáles. (et all). 24^a Ed. Atualizada. São Paulo - SP: Cortez, 1995.

FULGÊNCIO, Lúcio e LIBERATO, Yara Goulart. **Como facilitar a leitura**. São Paulo – SP: Contexto, 1998.

GERALDI, João Wanderley (org.). O texto na sala de aula. In: **Sobre a Leitura na Escola**. São Paulo – SP: Ática, 2005.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura: teoria e prática**. Campinas – SP: Pontes, 1998.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. São Paulo – SP: Brasiliense, 1994.

Revista Nova Escola. Ano XXII, nº 203, junho/julho 2007. Editora Abril. Fundação Victor Civita.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Trad.: Cláudia Schilling. – Porto Alegre – RS: Art Med, 1998.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. / Ana Teberosky e Teresa Colomer. Trad.: Ana Maria Neto Machado. Porto Alegre – RS: Art Med, 2003.

ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. São Paulo – SP: Ática, 1991.

ANEXOS

NOME: _____

IDADE: _____

ESCOLA: _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: _____

TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO: _____

TEMPO DE ATUAÇÃO COMO COORDENADOR (A): _____

QUESTIONÁRIO

→ Quais as metodologias indicadas para o professor estimular a leitura no seu alunado?

→ A escola trabalha a prática da leitura de forma interdisciplinar? Como?

→ Como se dá o processo de envolvimento dos pais dos alunos na realização dos projetos de leitura desenvolvidos pela escola?

→ Que benefícios podem ser apontados nos alunos como resultado do Projeto Literarte (leitura e representações artísticas na sala de aula)?

→ Qual a aceitação dos alunos às ações que a Biblioteca Ambulante lhes oferece?

NOME: _____

IDADE: _____

ESCOLA: _____

SÉRIE QUE LECIONA: _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: _____

TEMPO DE ATUAÇÃO NA EDUCAÇÃO: _____

TEMPO DE ATUAÇÃO COMO DOCENTE: _____

QUESTIONÁRIO

→ Como trabalhar a leitura, proporcionando prazer e aquisição de conhecimentos aos alunos?

→ Quais as principais dificuldades identificadas na sala de aula perante a prática da leitura?

→ Que tipos de textos você indica para se trabalhar com leitores principiantes?

→ Qual a importância de se considerar o conhecimento prévio do aluno sobre os textos trabalhados?

→ Como se dá a contextualização do dia-a-dia do educando com as leituras realizadas em sala de aula?

Adoro ler _____

Gosto de escrever sobre _____

Um dia vou escrever _____

Tenho dificuldade de entender uma leitura quando _____

Quando leio em silêncio, eu _____

Quando leio em voz alta, eu _____

Para mim, os livros de estudo são _____

Acho os jornais _____

Acho que as historinhas são _____

Quando estou lendo, eu _____

Eu leria mais se _____

Gosto de usar meu tempo livre em _____

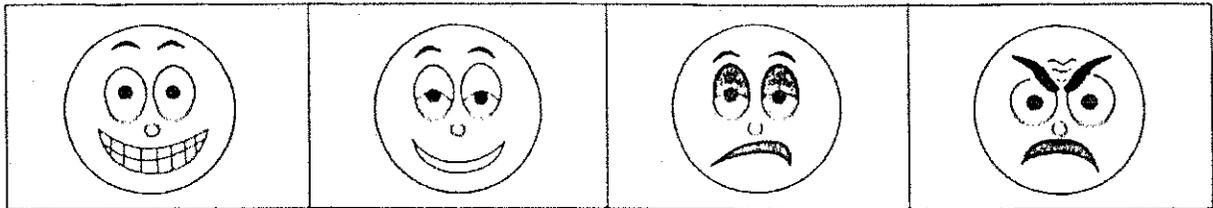
Fico muito entretido quando _____

Se tivesse de recomendar um livro, eu escolheria _____

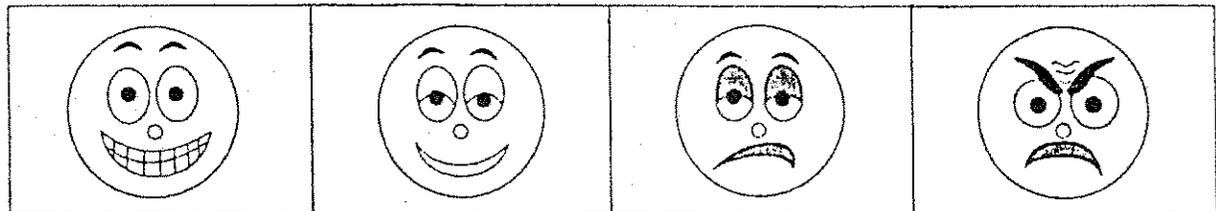
Se tivesse que viver um ano em uma ilha deserta, eu levaria os seguintes livros _____

Nome..... Série.....

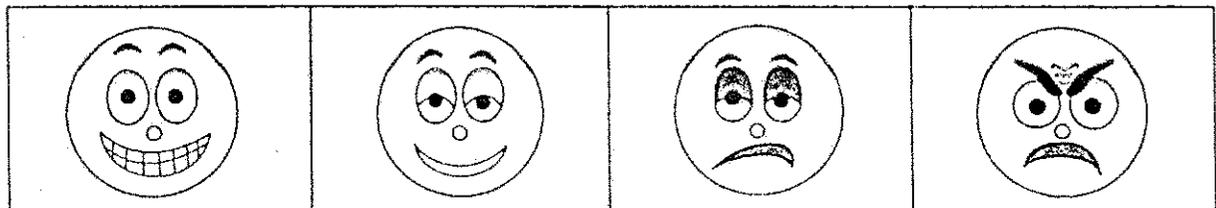
Como você se sente quando ganha um livro de presente?



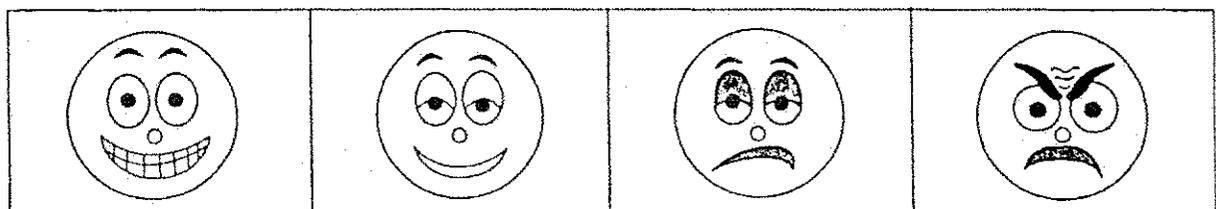
Como você se sente quando gasta seu tempo livre lendo?



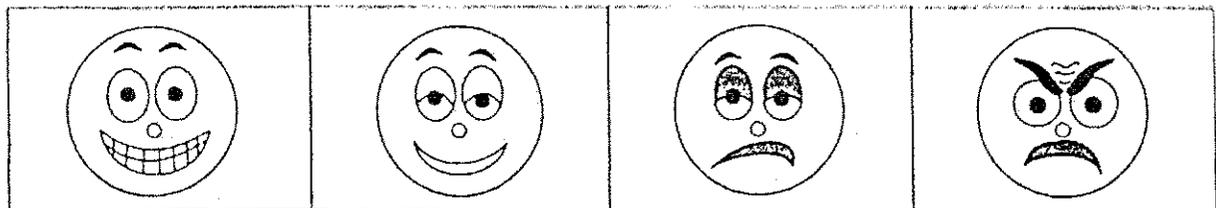
Você acha que vai gostar de ler quando for maior?



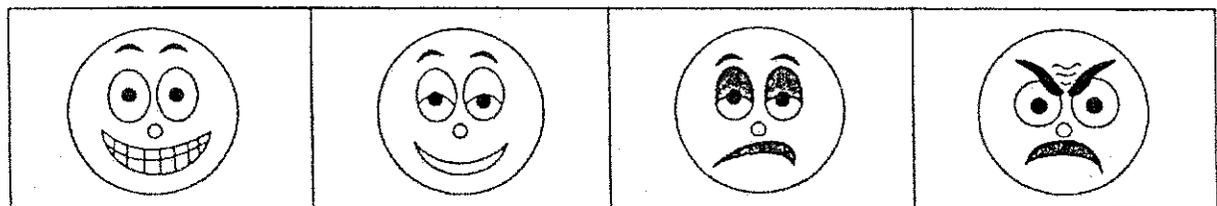
Como você se sente quando vai a uma livraria?



Como se sente quando lêem uma história para você?



Quando vai à casa de um amigo, gosta de ler os livros dele?



Como se sente quando lêem poemas para você?

